

4 Descrição e Análise dos Resultados

Nesse capítulo serão descritos e analisados os dados coletados nas entrevistas realizadas. A observação participante, feita na escola de dança de salão durante as entrevistas, será usada como complemento na análise das informações fornecidas pelos entrevistados. Com o objetivo de facilitar o processo de análise e permitir a maior compreensão do contexto da prática da dança de salão, os resultados da pesquisa foram organizados em torno das questões que correspondem aos objetivos intermediários da pesquisa. Dessa forma, as informações foram agrupadas em quatro partes.

- A primeira parte busca fazer uma breve caracterização de cada informante, considerando as seguintes questões: nome, idade, estado civil, profissão, residência, tempo de dança, dança preferida e principal motivador para a prática da dança de salão.
- A segunda faz a análise de elementos coletados nas entrevistas que detalham o modo como a dança de salão se insere na rotina dos entrevistados (o processo de adoção), as principais motivações e benefícios da prática dessa atividade e as necessidades supridas por ela.
- A terceira parte busca examinar questões práticas da atividade foco desse estudo: os estilos de dança praticados; os rituais existentes na aula de dança; os locais e situações de prática dessa atividade e encontro dos grupos; por fim, a existência de eventuais barreiras à prática da dança de salão.
- A última procura identificar os bens, serviços e respectivos locais de compra associados à prática da dança de salão e verificar se alguns

desses bens e/ou serviços exercem função de valor de ligação entre os membros e a comunidade da dança.

4.1. Caracterização dos Informantes

Abaixo é feito um breve perfil de descrição dos entrevistados, sendo que seus nomes verdadeiros foram propositalmente modificados, de forma a preservar suas identificações e mantê-los no anonimato, o que foi informado no início de cada entrevista. Foram entrevistados oito (08) homens e doze (12) mulheres com idade variando entre trinta e dois anos e setenta e cinco anos. Os informantes foram dispostos abaixo em ordem alfabética, considerando os respectivos nomes fictícios.

1. **Arthur**: 43 anos, casado, é médico, morador da Tijuca. Faz dança de salão há 3 anos e seu ritmo favorito é o samba. Foi influenciado a dançar por sua esposa. Vê a dança como uma atividade prazerosa, em que desliga todos os neurônios. A dança serve para diverti-lo e livrá-lo dos problemas. Sua filosofia de vida é diversão, problema não o interessa.
2. **Celso**: 32 anos, casado, morador da Zona Sul, faz dança há 3 anos. Vê a dança de salão como uma oportunidade de se relacionar com uma turma alternativa ao trabalho, compartilhando interesses muito diferentes. Conheceu (e conhece) gente de todo tipo, de toda formação, de toda classe social. Para ele, a dança é um outro mundo, no qual encontra muita diversidade de relacionamento para sair e passear.
3. **Flávia**: idade não informada, viúva, dona de casa, moradora de Botafogo. Dança há 6 anos e seu ritmo preferido é o “zouk”. Até os 19 anos freqüentava todos os bailes da cidade, porém, quando se casou, essa rotina foi encerrada, pois seu marido não gostava de dançar. Durante sua vida de casada, viajou muito e teve uma vida

cigana. Residiu em vários locais diferentes devido à profissão do ex-marido, que era geólogo. Começou a praticar a dança de salão após o falecimento de seu marido. Para ela, a dança é uma motivação para tocar a vida. Dança é superação.

4. **Janete:** 75 anos, viúva, consultora de beleza, moradora de Laranjeiras. Dança há cinco anos e seu ritmo preferido é o bolero. Trazida por um amigo, começou a dançar após falecimento de seu marido. Enxerga a dança de salão como uma terapia, que lhe ajudou a parar de pensar só nas coisas que lhe deixavam triste. Além disso, a dança lhe proporcionou o desenvolvimento da autoconfiança. Na academia, denominada por ela como “Escola maravilhosa”, encontrou um leque de coisas boas como: carinho, compreensão e muita amizade.
5. **João:** 42 anos, casado, comerciante, morador do Méier. Seu ritmo preferido é o bolero. Começou a dançar por orientação terapêutica. Para ele, a dança de salão é um hobby que traz alegria. No ambiente da dança ele encontra um ambiente agradável para relaxar e se divertir. Além disso, faz exercícios e encontra pessoas diferentes e interessantes. A dança é diversão.
6. **Lílian:** 42 anos, gerente comercial, moradora de Botafogo, dança há 2 anos. Começou a dançar durante uma crise pessoal, pois precisava de uma válvula de escape. Um período conturbado de sua vida, com a presença de muitos problemas foi o que a estimulou a buscar a atividade da dança de salão, matriculando-se numa academia. Quando se deu conta, estava fazendo 5 horas diárias de aula. Fazia todos os ritmos. Com a dança, Lílian deixou de ser sedentária. Começou a emagrecer e a esquecer os problemas. Hoje, para ela, a dança é uma carcaça, um vício, em que encontra com pessoas muito divertidas.

7. **Luana:** 45 anos, divorciada, professora, moradora da Zona Sul. Sempre gostou de dança, porém, após sua separação resolveu realizar o sonho de aprender a técnica da dança de salão. O fato de encontrar um ambiente diferente e fazer novas amizades de grande estímulo a ela. Para Luana, a dança é vida, é alegria, é alto astral.
8. **Ludi:** 33 anos, solteira, contadora. Dança há 8 meses e seu ritmo preferido é o forró. Encontrou na dança de salão uma forma de fazer atividade física com menos agressividade, já que se considera bastante agitada e faz um esporte mais agressivo (aula de boxe). Além de achar mantém a forma através da prática da dança, conheceu novas pessoas e ampliou seu leque de amizades.
9. **Mauro:** 47 anos, divorciado, professor. Dança há 15 anos. Começou a praticar a dança de salão após um declínio emocional, ou seja, sua separação. Nessa época, a dança era como uma essência para ele sobreviver a cada semana. Quando dança, os problemas desaparecem e a auto-estima se fortalece.
10. **Neide:** 62 anos, viúva, moradora do Flamengo, recrutadora de pesquisas de marketing, faz dança de salão há 3 anos (após falecimento de seu último marido) e seu ritmo preferido é o tango. Casou-se 5 vezes e tem 3 filhos. A dança entrou em sua vida quando ainda era jovem. Aos 17 anos foi campeã do concurso realizado no Sindicato dos Bancários. Com a prática recente da dança, não tem dor no corpo, é feliz, e sente-se bonita.
11. **Nélio:** 61 anos, aposentado, morador da Lagoa. Seu ritmo preferido é o samba. Em função de um trauma causado por seu professor de canto na fase da escola primária, teve sua musicalidade reprimida até seus 42 anos. Após o pedido de uma mulher para levá-la ao baile, Nélio descobriu a dança de salão. Com as aulas conseguiu viver algo que nunca havia experimentado: dançar com uma mulher nos braços,

conseguindo também curar o trauma do passado sem precisar de um analista.

12. **Norma:** 72 anos, viúva, moradora de Botafogo. Dança há 2 anos e seus ritmos preferidos são samba e bolero. Sempre gostou de dançar, mas não o fazia, pois se dedicava ao marido. Passado algum tempo após o falecimento de seu cônjuge, foi estimulada por uma amiga para começar na academia. Para ela, a dança de salão é uma válvula de escape, principalmente para a solidão. Na academia fez muitas amizades e tornou-se mais alegre. Experimentou e experimenta momentos felizes e de descontração.
13. **Paula:** 62 anos, casada, astróloga e numeróloga, moradora de Teresópolis. Pratica a dança de salão há 12 anos. Sempre cuidou dos afazeres domésticos, porém, após a aposentadoria de seu marido, se encontrou numa tremenda depressão, pois ele, acostumado com a liderança da vida profissional, resolveu interferir na administração do lar. Paula começou a dançar por estímulo de um vizinho amigo. Para ela, a dança de salão é uma terapia. Quando dança, parece viajar em seu interior, desenvolvendo sua auto-estima. Dançando, deixou de ser uma sombra, e passou a ser ela mesma.
14. **Peixoto:** 37 anos, casado, engenheiro eletrônico, morador do Flamengo. Dança há 13 anos e seu ritmo preferido é o samba. Sua esposa foi quem lhe incentivou a dançar. A dança de salão lhe ajuda com os relacionamentos interpessoais, pois na academia ele encontra pessoas dos mais diferentes níveis sócio-econômicos. Para ele, ouvir música, dançar e fazer passos traz alegria.
15. **Pilar:** 52 anos, solteira, publicitária, moradora do Humaitá. Faz dança há 1 ano e meio e seu ritmo preferido é o forró. Começou a praticar a dança de salão após a descoberta de um câncer. Já operada e saudável, resolveu fazer tudo que gostava. Para ela, a dança é uma terapia, através da dança ela aprendeu a entrar em contato com si

mesma. Ao dançar, sente-se mais viva, mais bonita e mais bem disposta, já que dançando ela emagreceu 15 quilos.

16. **Roberta:** idade não informada, divorciada, professora, moradora da Ilha do Governador. Faz dança há 5 anos. Começou a praticar a dança de salão para desenvolver a autoconfiança e vencer a timidez. Dançando, pratica exercícios físicos, mantém uma vida social ativa, faz novos amigos e constrói relacionamentos. Para ela a dança é sua vida.
17. **Robson:** 32 anos, solteiro, empresário, já dança há 10 anos. Começou a dançar assim que terminou um relacionamento. Em princípio, viu na dança de salão um meio para desinibir-se, ou melhor, uma arma para conquistar mulheres. Com a dança, aprendeu a ser seguro, ter consciência corporal e ter um cuidado maior com o próximo. Ao dançar, sente-se num mundo totalmente diferente com possibilidade de conhecer várias pessoas.
18. **Selma:** 42 anos, casada, médica, dança há 3 anos. Começou a dançar, pois, no dia do seu aniversário, o marido lhe fez a surpresa de inscrevê-los na academia. Para ela, a prática da dança de salão é como teatro, pois a pessoa representa com muita emoção. Considera a dança essencial em sua vida e a academia como sua segunda casa, local onde encontra com pessoas familiares. Ela diz que a dança é muita emoção, é cultura, é magia e encantamento. Depois de uma dança sente-se mais leve.
19. **Sérgio:** 68 anos, casado, aposentado, morador de Copacabana. Faz dança há 11 anos e seu ritmo preferido é o samba. Sempre gostou de dançar, mas foi após sua aposentadoria que começou nas aulas de dança de salão com o objetivo principal de acabar com a ociosidade. Estava tornando-se uma pessoa sedentária. A dança lhe traz saúde mental e física e lhe tornou uma pessoa mais paciente.

20. **Virgínia:** 57 anos, divorciada, professora, moradora da Ilha do Governador. Faz dança há 2 anos e seu ritmo preferido é o “soltinho”. Dos 15 aos 19 anos sempre gostou de dançar valsa. Casou-se por duas vezes, porém seus companheiros não dançavam. Separou-se. Começou a frequentar boates, quando encontrou uma amiga que lhe incentivou a dançar a dois. Na dança de salão ela se diverte e convive com pessoas de idade completamente diferentes. Para ela, a dança rejuvenesce e dá prazer.

De modo a facilitar a identificação e contextualização dos informantes, foram condensados os principais quesitos que caracterizam cada um deles na tabela 2.

#	Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Residência	Tempo de Dança	Dança Preferida
1	Arthur	43 anos	Casado	Médico	Tijuca	3 anos	Samba
2	Celso	32 anos	Casado	Ausente	Zona Sul	3 anos	Ausente
3	Flávia	Ausente	Viúva	Do lar	Botafogo	6 anos	Zouk
4	Janete	75 anos	Viúva	Consultora de Beleza	Laranjeiras	5 anos	Bolero
5	João	42 anos	Casado	Comerciante	Méier	Ausente	Bolero
6	Lilian	42 anos	União Estável	Gerente Comercial	Botafogo	3 anos	Ausente
7	Luana	45 anos	Divorciada	Professora	Zona Sul	Ausente	Ausente
8	Ludi	33 anos	Solteira	Contadora	Ausente	8 meses	Forró
9	Mauro	47 anos	Divorciado	Professor	Ausente	15 anos	Ausente
10	Neide	62 anos	Viúva	Recrutadora de Marketing	Flamengo	3 anos	Tango
11	Nélio	61 anos	União Estável	Aposentado	Lagoa	Ausente	Samba
12	Norma	72 anos	Viúva	Ausente	Botafogo	2 anos	Samba e Bolero
13	Paula	62 anos	Casada	Astróloga e Numeróloga	Teresópolis	12 anos	Ausente
14	Peixoto	37 anos	Casado	Engenheiro Eletrônico	Flamengo	13 anos	Samba
15	Pilar	52 anos	Solteira	Publicitária	Humaitá	1,5 anos	Forró
16	Roberta	Ausente	Divorciada	Professora	Ilha do Governador	5 anos	Ausente
17	Robson	32 anos	Solteiro	Empresário	Ausente	10 anos	Ausente
18	Selma	42 anos	Casada	Médica	Ausente	3 anos	Ausente
19	Sérgio	68 anos	Casado	Aposentado	Copacabana	11 anos	Samba
20	Virgínia	57 anos	Divorciada	Professora	Ilha do Governador	2 anos	Soltinho

Tabela 2: Breve caracterização dos informantes

4.2.

Inserção da dança de salão na rotina dos entrevistados e principais motivações e benefícios da prática dessa atividade

- **Inserção da atividade na rotina dos entrevistados**

A inserção da dança de salão na rotina dos informantes se deu, em parte, por estímulos de terceiros. Os depoimentos sugerem que normalmente foram pessoas próximas dos informantes que estimularam, de algum modo, o início da prática

desta atividade. Um tipo de pessoa próxima a causar esse estímulo que ficou evidente nas entrevistas foram cônjuges e companheiros dos informantes. Existia um interesse prévio por pelo menos uma das partes na atividade da dança de salão, estimulando a outra pessoa a entrar numa academia para fazer aulas.

Eu vim porque minha esposa sempre quis dançar, aí entrei mais por causa dela. Fazer companhia a ela. (...) Isso tem entre dois e três anos. Faço aulas umas três vezes na semana. (Arthur, 43 anos)

Eu entrei com o meu marido numa outra academia, pra dançar. Sempre gostei de dança, então eu ia a alguns bailes, casamentos, e ficava encantada de ver as pessoas dançando, parece que entre os casais um adivinhava o pezinho do outro, aquela harmonia. Meu ex-marido não tinha muito jeito, mas o atual marido sabia que eu gostava de dança, e me fez uma surpresa de inscrever a gente numa academia. (...) Foi o presente de aniversário que eu ganhei. (Selma, 42 anos)

Sempre gostei de dança, de dançar, mas dançar dança de salão, dançar juntos. E aí, depois de 2005, consegui. (...) Aí trouxe ela (a esposa), a gente começou no sábado e foi quando começou. Começamos a vir às aulas toda semana. (Celso, 32 anos)

Eu comecei em 95 (...), e eu e a minha mulher queríamos dançar. “Vamos dançar e tal”, começamos a fazer aula juntos. Só que eu viajava muito, e aí, ela vinha às aulas sozinhas e eu pouco comparecia nas aulas certinho. Ela começou a se desestimular e, na minha ausência, saiu. (...) Aí em 2005 ela começou a voltar a dançar (...). E me convidou pra vir, mas aí por umas questões de relacionamento eu não comecei com ela. Eu viajava muito ainda. A partir de 2007 eu tive mais flexibilidade no trabalho com relação a viagens, fiquei mais no Rio, e aí ela continuava insistindo, agora tenho tempo pra isso. Só que ela já tinha uma diferença de experiência na dança maior do que a minha pelo tempo que ela, quando voltou, recomeçou. E aí, a gente fez um esquema de aulas particulares, eu fiz dois meses, duas vezes por semana de aula particular, para dar um *up*, pra chegar próximo do nível dela. Buscar um nivelamento para poder entrar numa turma. E com isso, meses depois, a partir de outubro do ano passado, iniciei as aulas efetivamente aqui em uma turma normal. (Peixoto, 37 anos)

Ele (o marido) mudou todo o meu esquema. Agora o meu esquema não tá como foi quando teve o choque de vende a empresa e demite todo mundo. Quando foi vendida a empresa que ele construiu, que ele trabalhou no projeto, esperou a construção, depois montou as equipes... era diretor. E um dia vendida ela. Voltou pra dentro de casa e paralisou a minha vida. Então aí que foi... tive chance de ir pra dança de salão. E ele aceitou. Ele brigando, brigando, sempre fazendo as dificuldades, mas estamos há 12 anos. (Paula, 62 anos)

Existe uma segunda situação apontada nas entrevistas que estimulou os informantes a adentrarem no mundo da dança de salão: término de relacionamento

com companheiros e divórcio. Essa forma de ruptura de laços afetivos motivou os informantes a buscarem uma nova atividade, algo novo para se dedicarem e ajudar na superação deste tipo de revés.

Final de relacionamento, tinha acabado de terminar um namoro, foi quando entrei, há uns 10 anos, na faculdade. Tinha lá no departamento de educação física um grupo de dança de salão. Coincidentemente o professor desse grupo era muito amigo meu, há muito tempo que não via, e a partir daí começou tudo. (Robson, 32 anos)

Até que um dia, eu tinha me separado já há algum tempo, e me interessei por uma mulher. Fomos sair a primeira noite, e ela disse: “Querida que você me levasse pra um baile que vai ter.” Eu pensei: “Baile? Ih... Logo isso.” E eu disse: “Olha, eu não danço nada, não adianta nem tentar.” Ela respondeu: “Não, não tem problema não, lá tem gente que pode dançar comigo”. “Tá bom”. Quando eu fui a um baile, era um baile característico de dança de salão do Rio de Janeiro, eu vi aquelas pessoas dançando, e saquei que isso aí é técnica... tem um lado técnico... Pensei: “Eu vou fazer esse troço.” E como eu estava afim dela, aí entrei para a escola do Jaime Arôxa. E foi assim que eu comecei. Quando eu descobri a dança, eu me apaixonei por aquilo, e me esqueci dela. Não quis mais saber dela (risos). (Nélio, 61 anos)

Me separei para ficar sozinha mesmo. Disse: “Não, quero um tempo pra mim”. Aí, por acaso, eu fui convidada para ir num aniversário numa boate, e eu nem conhecia boate. Aí gostei, pensei: “Legal isso aqui, todo mundo dança, não preciso do homem pra dançar, dança a vontade”. E comecei a ir à boate. (...) Numa dessas idas eu reencontrei uma amiga em comum, minha e dela. Na verdade ela eu conheci através dessa minha amiga. (...). Só que elas freqüentavam a dança de salão, e eu freqüentava a boate. Eu comecei de vez em quando ir com elas, era um universo diferente pra mim, achava meio esquisito, e tal, os lugares que elas iam era um pessoal mais velho. Mas aí comecei a ir, comecei a dançar e comecei a gostar de dançar junto, lembrar que dançar junto era bom, que eu fiz isso muito na adolescência. (...) Só que eu tinha que estar toda hora dizendo assim: “Eu não sei dançar assim, só danço tradicional, dois pra lá e dois pra cá”. Aí uma hora me encheu, disse: “Não, quero aprender”. Não quero continuar dizendo a vida inteira não sei, não sei, não sei. E aí vim pra cá. (Virgínia, 57 anos)

Pra mim começou... num declínio emocional, vamos dizer assim. Eu tava muito mal, muito mal, um belo amigo meu disse pra mim: “Vou ajudar você”, nunca mais esqueço disso. “Vou te levar a um baile de dança de salão, conhece dança de salão?”, eu tinha 32 anos. Eu disse: “Não conheço dança de salão não, me leva”. Tava realmente mergulhado numa depressão, tinha acabado de me separar, tava muito mal. Aí, ele me levou nesse primeiro baile, quando entrei lá os problemas desaparecem. Impressionante! E você fica mergulhado naquilo tudo, nas pessoas, na música. E aquele movimento todo, as mulheres lindas, os rapazes bem vestidos. (...) E aí passei a tomar gosto, porque você vai freqüentando, aquilo torna-se uma cachaça, ainda mais se você gosta. (Mauro, 47 anos)

Não, eu vim sozinha, já há algum tempo. Eu já faço há uns três anos. E vim sozinha. (...) Me casei muito nova, aos 18 anos. Então essa coisa da dança ficou um pouco interrompida, porque me casei, tive filhos, fiquei casada 16 anos. Então minha vida ficou muito assim voltada pra minha vida profissional e familiar. Essa parte assim da dança ficava sempre como um sonho. (...) Então ia aos casamentos, que é um momento em que as pessoas dançam mais. (...) E aí, como eu queria dançar, mas meu marido não gostava e tal, ficava de lado. Quando eu me divorciei, eu falei: é um momento bom pra mim. Porque além de eu poder realizar esse sonho de aprender a técnica e tal, posso conhecer pessoas novas, um ambiente diferente, fazer novas amizades. (Luana, 45 anos)

Seguindo ainda nesta linha de ruptura de laços afetivos, nas entrevistas também ficou evidente a situação da viuvez. Os depoimentos apontam que alguns informantes passaram a freqüentar o universo da dança de salão após o falecimento de seus cônjuges, como uma forma de ocupar o tempo e superar a perda do ente querido. Foram pessoas próximas, como vizinhos e amigos, que indicaram e estimularam a busca desta atividade.

Sempre gostei de dança, na minha infância eu dancei muito. (...) Depois eu vim então pro Rio, vim constituir meus estudos aqui, comecei a trabalhar, me casei, tive filhos, tenho netos, e fiquei viúva. Mas nesse período que eu estive casada, meu marido não gostava muito, não era muito social. (...) De uns tempos pra cá, a dança vem tomando um vulto enorme, né? E aquilo foi me entusiasmando. Até quando eu fiz um Dançando a bordo, um cruzeiro. (...) Nessa viagem, conheci minha vizinha, e ela faz aulas aqui. Ela me chamou, há uns dois anos. (...) Aí cheguei aqui, peguei um crachá de convidada e fiz a aula. Adorei, e não saí mais. (Norma, 72 anos)

Vim depois que meu marido faleceu. Eu vim trazida por um amigo. (...) Eu estava com o falecimento de meu marido, e aquilo me machucava. Eu tive um casamento maravilhoso, aquilo que marca, sabe? Mas meu cardiologista, que me acompanhava, ele disse assim: “Ah, que isso! Não vai ficar chorando em casa não. Vamos lá pro Jaime Arôxa”. Ele fazia aula do Jaime Arôxa. Então ele me levou. (...) Já tem 5 anos. E não pretendo parar. (Janete, 75 anos)

Quando ele faleceu (o marido), a gente sente essa vontade de gostar de uma pessoa. Todo mundo me dizia: “Você é nova, arruma outra pessoa”. Eu pensei: “Outra pessoa não quero, mas quero continuar vivendo, já que me sinto com disposição e com vontade de fazer alguma coisa aí”. (...) Os filhos sufocam a gente, a gente sufoca a nora (risos). É uma confusão. Eu falei: “Eu tenho que ter a minha própria vida, tenho que descobrir o que eu gosto”. (...) Até que eu mudei para esse prédio que eu moro lá, e uma moça que é da dança veio perguntar se eu gostava de dançar, falei que gostava. Isso faz uns 04 anos. O prédio é perto da academia. Na época, nem sabia que existia isso, academia de dança de salão. (...) A vizinha disse: “Tem

que entrar para uma academia e fazer uma amizade. Ali não é pra você sair sozinha”. Aí ela falou: “Quanto tiver um baile...” - ela já ia há muito tempo - “... eu vou te levar”. (...) Cheguei lá, aí que conheci o mundo da dança. Comecei a ver coisas novas, e o negócio progrediu. (Flávia, idade ausente)

Aí eu fiquei empolgada com aquilo, e nunca mais deixei de dançar. Mas quando comecei a namorar meu noivo na época não dançava nada e não gostava, então eu parei. Aí eu não dancei mais. Depois que eu fiquei viúva, eu falei: “O que eu vou fazer?”. Minha amiga também é daqui (da academia), falou pra mim: “Neide, vamos pro Jaime?” Eu disse: “Que Jaime?” Eu nem sabia o que era Jaime Arôxa. (...) Aí fui e me apaixonei pela dança de uma forma... que eu não vivo mais sem isso aqui. Segunda, terça, quarta e quinta eu estou aqui. Vai fazer três anos em abril. (Neide, 62 anos)

Uma consideração a ser feita é que, no caso das informantes do sexo feminino com idade mais madura (acima de 40 anos), evidenciou-se certa influência de seus ex-parceiros e ex-cônjuges na inibição ou interrupção da prática da dança. Elas mencionaram um gosto prévio pelo dançar, mas por estarem se relacionando com parceiros que não eram muito afeitos a esta atividade, interromperam ou nem começaram a praticar a atividade da dança.

Meu ex-marido não tinha muito jeito, mas o atual marido sabia que eu gostava de dança, e me fez uma surpresa de inscrever a gente numa academia. (Selma, 42 anos)

Me casei muito nova, aos 18 anos. Então essa coisa da dança ficou um pouco interrompida, porque me casei, tive filhos, fiquei casada 16 anos. Então minha vida ficou muito assim voltada pra minha vida profissional e familiar. Essa parte assim da dança ficava sempre como um sonho. (...) E aí, como eu queria dançar, mas meu marido não gostava e tal, ficava de lado. Quando eu me divorciei, eu falei: é um momento bom pra mim. (Luana, 45 anos)

Mas nesse período que eu estive casada, meu marido não gostava muito, não era muito social. (Norma, 72 anos)

Mas quando comecei a namorar meu noivo na época não dançava nada e não gostava, então eu parei. Aí eu não dancei mais. (Neide, 62 anos)

Alguns entrevistados, que já tinham gosto prévio por algum tipo de dança, passaram a frequentar aulas de dança de salão sozinhos, por iniciativa própria. Os depoimentos sugerem que, na tentativa de superar algum problema pessoal, seja ele doença, crise financeira, ou até mesmo a aposentadoria, esses informantes tenham buscado a atividade da dança como um meio de minimizar os efeitos dos

problemas enfrentados por cada um, a medida que os distraíam no exercício da prática da dança de salão.

Eu tenho 42 anos, tudo começou em 2005, três anos atrás. Na verdade eu sempre tive muita vontade de fazer dança de salão, minha vida toda fiz aula de dança. Fiz jazz, fiz balé, minha vida inteira. (...) Sempre soube que existe a dança de salão e tal, mas eu nunca ia, nunca aparecia, sempre deixava pra depois. Aí eu entrei numa crise pessoal, enfim... financeira... naquela época muito grande e precisava de uma válvula de escape, e um dia resolvi entrar nessa escola que o Jaime tinha na São Clemente pra pegar informação. Fiz uma aula experimental de dança de salão, e aí me matriculei imediatamente, era uma sexta-feira. No dia seguinte eu me matriculei em mais dois ritmos. Depois no dia seguinte, me matriculei em mais dois ritmos. Em menos de uma semana eu me matriculei em cinco ritmos diferentes. (Lílian, 42 anos)

Eu adoro dançar, sempre dancei. Na década de 80 eu saía direto com o pessoal do trabalho, de faculdade, com os amigos, em geral para dançar. Estudantina, Circo Voador, Parque Lage... Eventualmente uma boate. Quando eu fiquei... descobri que tava com câncer, e eu sempre quis voltar a dançar... nesse meio tempo, nesses 20 anos, por aí, eu sempre quis voltar a dançar, fazer aula de dança, a academia do Jaime era perto da minha casa, eu sempre falava assim: “Eu vou fazer aula de dança, eu vou fazer aula de dança de salão”. E aí nunca fazia. Até que um dia, depois do câncer, eu falei: “É hoje que eu vou”. Cheguei, me inscrevi e comecei a fazer. Isso faz um ano e meio, mais ou menos. E aí realmente a minha vida reorganizou. (Pilar, 52 anos)

Eu sempre gostei muito de dançar. A vida fez com que eu parasse de dançar. Então eu tive que trabalhar muito. Me casei, filhos, e não tinha condições nem tempo de dançar. Depois eu me aposentei e comecei a dançar novamente. Depois tomei conhecimento da escola de dança do Jaime Arôxa, então entrei pra escola e to dançando. Desde então não parei mais. Eu danço todos os dias. (Sérgio, 68 anos)

Um informante destacou que começou a praticar a dança de salão por indicação de um terapeuta, como opção de *hobby*, distração. Não foi a única menção sobre o papel terapêutico da prática da dança de salão. Outros informantes mencionaram que conhecem casos de terapeutas que fizeram a indicação e pessoas que foram indicadas a praticar a dança de salão.

Eu vim parar na dança de salão por... Eu fazia terapia, né? Então, na terapia, ela perguntou se tinha algum hobby, alguma atividade. Como eu não tinha nenhum hobby, não jogava futebol, não gosto de academia, malhar, então ela me perguntou se gostava de dançar, ela me indicou pra vir aqui. E aí foi quando eu comecei. (João, 42 anos)

Quando você tem muita gente que tá em terapia, que terapeuta manda pra academia de dança. Não foi o meu caso. (...) Até de já ter conversado com várias pessoas, vários terapeutas, ou médicos já mandaram seu pacientes para academia, aula de dança, exatamente pra pessoa se soltar. Querendo ou não querendo, a pessoa vai se soltar. (Pilar, 52 anos)

Inclusive eu conheci vários... tenho vários amigos que são psiquiatras, terapeutas, que casos graves jogam para aqui (aulas de dança de salão). E as pessoas se recuperam do que não se recuperava com tantas seções semanais durante 10 ou 15 anos. (Paula, 62 anos)

O grande benefício que tirei daqui foi o exercício da minha musicalidade, que eu nunca tinha feito isso na vida. (...) O exercício da musicalidade sufocada. Sem precisar de analista. Sai muito mais barato. Fazia seções diárias (risos). (Nélio, 61 anos)

- **Principais motivações e benefícios da prática da dança de salão**

Nesta parte optou-se por agrupar as questões de motivações e benefícios, pois em vários discursos essas questões convergiram, ficando difícil a separação. Uma primeira situação que ficou evidente nas entrevistas foi a busca da prática da dança de salão para viabilizar o conhecimento de pessoas diferentes. Os informantes destacaram que o universo da dança é heterogêneo e permite o contato com pessoas dos mais variados tipos, gostos, idade, classe social etc., que compartilham o gosto por esta atividade.

Gosto de dançar, gosto da dança a dois. Além disso, você conhece muitas pessoas, tipos muitos diferentes. Diferente do meu trabalho que acabo conhecendo os mesmos tipos de pessoas, o mesmo padrão de gosto, meio parecido. E aqui você conhece gente de todo tipo, de toda formação, toda classe social. E aí é muita diversidade de relacionamento pra sair, pra passear, é um outro mundo. (Celso, 32 anos)

Relacionamento interpessoal. É simples. São pessoas dos mais diferentes níveis sócio-econômicos. Das mais diferentes faixas etárias e participam do mesmo ambiente. Então você misturar nível sócio-econômico, e faixa etária, você podendo transitar nesse meio, é muito difícil você ter isso fora daqui, em outros tipos de associação. Então pra relacionamento interpessoal, saber lidar com pessoas mais maduras, pessoas mais jovens, de diferentes níveis sociais, pessoa mais bruta, mais afável, mais inteligente, mais simples, é muito interessante. (...) E o relacionamento interpessoal. Lidar com pessoas dos mais diferentes níveis. (Peixoto, 37 anos)

Eu vim pra dança principalmente pra ter a parte social mais desenvolvida. Eu acho importantíssimo. Porque eu fui, na minha criação era assim: mulher não pode dançar, ficar se

exibindo, e tal. E eu quis vencer a minha própria timidez. Eu acho muito importante para essa parte mesmo, emocional, a parte social. (...) É uma parte muito importante da minha vida. (Roberta, idade ausente)

Talvez se pensasse a vida de uma outra forma eu não estaria aqui brincando, dançando, relacionando a possibilidade de conviver com pessoas de idade completamente diferentes, é muito legal, isso rejuvenesce. (Virgínia, 57 anos)

O fato de vez em quando ta encontrando, ta vendo os colegas, também é bom. Poder estar saindo, você ta conversando com gente interessante, diferente, também vale à pena. (João, 42 anos)

Além disso, conheci muita gente. Conhecer pessoas diferentes do meu circulo... Porque isso aqui é um ambiente muito heterogêneo, socialmente, economicamente, visualmente. Você tem desde desembargador até um auxiliar de cozinha. E ninguém tá preocupado com isso aqui. Aqui a gente vive um socialismo... Não há preconceito. (Nélio, 61 anos)

Você apura a sua sensibilidade pela música, pelo contato com outro. Eu acho que é uma possibilidade de vida mesmo. Acho que trabalha assim... a socialização das pessoas. (Pilar, 52 anos)

Seguindo nesta linha de socialização, da busca de relacionamento interpessoal, uma segunda questão que se destacou nas entrevistas foi a busca da atividade da dança para auxiliar a formação de novas amizades e grupos. Os entrevistados sugeriram que, por estarem em contato com muita gente, a atividade da dança de salão força o contato entre as pessoas, contribuindo assim para o nascimento de amizades, de grupos de amigos.

Ah, em linhas gerais, confraternização mesmo. (...) Vim fazer amigos, conhecer gente. (...) Se for pro baile e conversar a noite toda, to feliz. Se não dançar, tá bom. (risos). Gosto de dançar. Vou para dançar cinco, seis músicas no baile, batendo papo ao mesmo tempo. Ir pro baile pra dançar do começo ao fim, e ficar suado, molhado, aí não gosto. Tem gente que dança de ficar a roupa empapada. (...) Eu não gosto. Eu vou, danço duas, três músicas, aí sento, converso, bato papo. Então, toca uma música legal, aí eu danço mais duas, três. (...) Vou pra me divertir. Me divertir, não ter aporrinhação, não ter problema. Começou a dar problema perde um pouco a graça. (Arthur, 43 anos)

E foi isso que me estimulou. Aqui encontrei tudo isso. Quer dizer, encontrei um grupo, fiz amigos, a gente sai sempre que pode pra dançar. (Luana, 45 anos)

É uma família. Eu sou do interior de São Paulo, eu sou sozinha aqui. Minha família é muito pequena, tenho dois irmãos, que estão fora do país. Moro sozinha. Então assim, o que é a minha vida? Eu trabalho, tenho o meu marido, que tem uma outra

casa, e aqui (academia de dança de salão), aqui é tudo pra mim. É mais do que a dança propriamente dita, muito mais. É a minha família, tenho amigos aqui. (...) Quem vem dançar não vem triste pra cá. Gostam de dançar, então vem todo mundo com um astral muito legal. (Selma, 42 anos)

E aqui fiz muitas amizades, eu fiquei uma pessoa mais alegre, mais comunicativa, entendeu? E me faz bem isso. (...) Há pouco tempo me afastei, porque tive duas irmãs com problema de saúde sério e uma delas veio a falecer em dezembro. Então aí fiquei mesmo triste. (...) No princípio eu não tava nem podendo vir, porque o meu sentimento era tão grande que não podia encontrar alguém que eu chorava. (...) Então agora to conseguindo segurar, e estou sentindo necessidade de vir novamente. (...) Isso (a dança de salão) me ajuda porque moro sozinha, e convivi muito tempo com problemas de médico, com doenças, hospital. Eu tava um pouco sufocada. Então tenho que voltar pra pegar o pé da meada e ir em frente. (Norma, 72 anos)

A dança em si é uma terapia também. É uma terapia porque você entra num contexto diferente da vida que estava levando, triste em casa, né? Cuidando de filhas, meu marido faleceu já tem 11 anos, mais ou menos, as minhas filhas mocinhas. As responsabilidades todas comigo, não é? Então, eu fui levando isso da melhor maneira possível. (...) Quando o meu médico disse: “não, você não pode ficar só nisso não. Você tem que cuidar de você!”, isso me levou lá pra dança, me trouxe. (...) Então, cada vez fui me entusiasmando mais na dança de salão. Aí, como você vê, a gente fez amizades, né? (Janete, 75 anos)

Tem a parte do prazer da dança, tem a parte de socialização, de conhecer pessoas, fazer um grupo, assim, mais unido, que procura sair junto, às vezes para outros lugares, não só para baile. Que troca e-mail. (Virgínia, 57 anos)

Os discursos dos informantes sugerem um alinhamento com o conceito de elemento estético proposto por Maffesoli (2002). Entende-se por elemento estético tudo que seja visual ou sonoro, que possa despertar emoção e, conseqüentemente, a sensação de unicidade e comunhão entre os participantes da tribo (Maffesoli, 2002; Bauman, 2003). Nas entrevistas foi possível perceber alguns elementos estéticos, tais como música e a própria prática da dança de salão, que fazem com que os entrevistados tenham uma ligação, ainda que momentânea, com a comunidade, o que parece fornecer uma sensação de prazer em pertencer. O relato abaixo reforça essa idéia de elemento estético na dança de salão.

Pessoal de dança é como se fosse uma tribo de *nerds*, ou quem gosta de *rave*... Tem uma tribo da dança de salão. (...) Pelo estilo de vida, pelo estilo de dança... Não é todo mundo que gosta de dançar bolero, “soltinho”, dificilmente você vai encontrar. Então são pessoas que têm essa identificação. Então passa a ser um grupo, você vai em bailes você sempre vai

encontrar aquele grupo. As pessoas que estão nesse mundo conhece todos. É uma tribo. É uma turminha. (Lilian, 42 anos)

A ligação através da estética parece estar de acordo com Maffesoli (2002), ao descrever a comunidade pós-moderna como comunidade que se constrói a partir de elementos estéticos, de emoção e afeto e não de obrigações e regras fixas.

Nesse ponto, pode-se traçar um paralelo com o conceito de valor de ligação proposto por Cova (1997), perspectiva que considera que o projeto individualista de afirmação e diferenciação perderia espaço para um novo tipo de vivência, mais ligada ao compartilhamento de emoções e à participação grupal. Na visão de Cova (1997), o produto ou serviço passaria a ser muito mais um elemento de conexão com o outro e conferência de status ou autoridade do que um elemento individualizante e diferenciador; na pós-modernidade a busca principal do consumidor não seria por unicidade (prazer individual) e sim pela conexão com o outro (prazer grupal). Em uma palavra: “A ligação é mais importante que a coisa/objeto (por exemplo, a coisa/objeto é somente um suporte social da ligação).” (Cova, 1997, p. 311)

Os discursos dos informantes sugerem essa visão da dança de salão como elemento agregador, que permite e facilita a conexão de pessoas, formação de grupos, compartilhamento de emoções, o prazer grupal. Pode-se sugerir que a atividade da dança de salão exerce o papel de valor de ligação. Muitos dos entrevistados mencionaram a importância desta atividade para suas vidas, uma vez que auxilia nessa questão de relacionamento interpessoal e formação de grupos trazendo alegria para suas vidas.

Esse resultado identificado na pesquisa está consoante com a idéia de Almeida (1998), que indica que uma das possíveis causas que motivam os indivíduos a procurarem esse tipo de atividade é a busca de relacionamento com o outro. Segundo a autora, pode ser que a prática da dança de salão “esteja contribuindo para a maior integração do indivíduo com o outro e com ele próprio, tendo em vista que é uma dança executada entre duas pessoas e denominada ‘a dança dos pares’” (Almeida, 1998, p. 04).

Permanecendo ainda nesta linha de relacionamento interpessoal, apenas alterando um pouco o foco, surgiu também nos discursos dos informantes a questão da procura da dança de salão como meio de conquista do sexo oposto e de

relacionamento afetivo à dois. Cabe ressaltar que Massena (2006) já aponta isso em seu estudo antropológico sobre a dança de salão.

(...) entrei lá para aprender a dançar, pra poder me desinibir mais. (...) Dança, principalmente pro homem, é uma arma pra conquistar a mulher. Para o homem é uma arma fundamental. Primeira idéia minha foi exatamente essa, pra ter uma facilidade maior de poder conversar com uma menina. (Robson, 32 anos)

(...) é uma questão social. Até afetiva mesmo, porque já conheci, já namorei pessoas da dança, sabe? Então essa parte afetiva é importante. Afetiva, social, física... (Roberta, idade ausente)

Teve, logo que comecei a dançar no ritmo, teve período, vou usar o termo porque não tem outro pra usar, teve o período da 'galinhagem'. Aí realmente eu não sei como eu sobrevivi àquele período. (...) Pra poder sair, dançar e paquerar todo mundo. (...) É, namorava deus e todo mundo. Foi um período realmente diferente na minha vida. (Nélio, 61 anos)

Em alinhamento com a idéia de Almeida (1998), uma outra questão que foi apontada pelos informantes foi a busca da dança de salão como uma opção de atividade física. Para alguns, como a dança de salão exercita o corpo, esta foi uma forma de sair do sedentarismo e uma opção de exercício físico regular, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos entrevistados.

Porque é uma forma de exercício físico, eu pratico regularmente. (Roberta, idade ausente)

Porque a dança desenvolve muito a pessoa. A mente, o corpo, a dança não deixa a pessoa ficar parada. Então tá sempre se movimentando fisicamente, mentalmente, e eu gosto muito, to fazendo uma coisa que eu gosto. Quero me aperfeiçoar cada vez mais, to cada vez melhor na dança. (...) Eu acho que (a dança de salão traz) a saúde. (Sérgio, 68 anos)

Nossa, eu acho que eu tirei muita coisa boa (da dança de salão). Primeiro, você começa a dançar, eu tinha uma dorzinha... dizem que a dança destrói o joelho, mas eu tinha uma dorzinha no meu joelho. Eu fazia aquela... esqueci agora o nome, que você faz como se fosse para ver seus ossos. Nunca deu nada. Eu continuei dançando, dançando, sumiu a dor. Eu não tenho dor nenhuma, eu durmo muitíssimo bem. Eu tinha uma insônia incrível. Chegava 2 e tal, 3 da manhã, eu acordava, cadê que eu dormia? Via o dia amanhecer e não dormia. Olha, chego em casa, depois que saio daqui ou de algum baile, eu tomo banho e 'tum'. Eu durmo igual uma pedra. Então isso aí foi bom pra mim, nunca tomei remédio que eu não gosto. Ficava com a insônia, mas não tomava nada. (...) Os benefícios foram esses. Fiquei vaidosa, muito vaidosa, aquilo que eu te falei, não era vaidosa, então a dança fez isso em mim. Sou uma pessoa feliz, eu não gosto de confusão, sou tranqüila, pra mim tá tudo bem,

entende? É assim, a dança me beneficiou e muito. (Neide, 62 anos)

É, exatamente. Só trabalhava... E aí por parar cedo realmente, mas com 38 quilos a mais. (risos). Eu parei, jogava vôlei, tênis, e dançava muito. Parei com tudo isso e só me dedicava ao trabalho. Então... consegui me aposentar cedo mais paguei um preço muito alto, pra você perder isso depois é muito difícil. Até hoje perdi 10 dos 38. É muito pouco. E mais recentemente tem toda essa nova fase que foi numa tentativa que eu to tentando mudar a minha vida, voltar a fazer exercício. (...) Então eu... ando, vou agora entrar para uma musculação, e voltei pra dança pra poder também ajudar a perder peso numa coisa que adoro fazer que é aula de dança. (Nélio, 61 anos)

E aí comecei a perceber que estava emagrecendo, que tinha deixado de ser sedentária, porque eu era muito sedentária, fumante e tal, não gosto de ginástica, e com esse ritmo que eu levava eu realmente comecei a ver que deixei de ser sedentária. Comecei a emagrecer, perder peso e começar a esquecer os problemas. (Lilian, 42 anos)

Agora, o fato, por exemplo, de poder estar fazendo um exercício, uma coisa que ta ativando a circulação é bom. (João, 42 anos)

A questão de técnica, de corpo. Você mesmo disse que não pareço a idade que tenho. Eu acho que isso é muito. É claro que é uma questão de cabeça, da maneira como você encara a vida, tem esse aspecto, mas até a dança ta inserido nisso. (...) A parte de estética, do corpo, ajuda a manter. Eu nunca fui gorda, mas ajuda a manter. (Virgínia, 57 anos)

Eu gosto muito de atividade física, e eu faço muito aeróbica. Tava fazendo um boxe também, faço aula de boxe terça e quinta. E falei assim: tenho que fazer algo que seja menos agressivo. Eu já trabalho, tem agressividade, então falei: vou fazer uma aula de dança. E eu vim pra cá, porque eu gosto muito de forró... (Ludi, 33 anos)

Então pra mim tem a ver, uma coisa que sempre gostei de fazer, que eu queria muito fazer, que era aula de dança, e de uma forma até terapêutica. (...) Desde que eu entrei já emagreci 15 quilos, e mesmo saindo, bebendo... (Pilar, 52 anos)

Um último aspecto que despontou nas entrevistas foi a procura da dança de salão como uma atividade terapêutica, auxiliando na superação de um problema pessoal, na elevação da auto-estima e servindo como opção de uma atividade divertida e prazerosa. Os informantes demonstraram em suas falas como a dança foi importante nesse processo de ajuda na solução de seus problemas e na obtenção de alegria e prazer em suas vidas. Indo além, sugere-se um alinhamento com o pensamento de Slongo e Meira (1998), que perceberam uma tendência social de as pessoas passarem a dar mais importância a “experiências” como

formas de fuga do tédio cotidiano. A dança de salão parece ser uma dessas “experiências” na vida dos entrevistados.

E desse dia em diante eu tenho certeza de que eu tenho muito ritmo pra dançar. Tenho certeza, sem falsa modéstia, que eu dou prazer a uma mulher dançando. Qualquer reunião que tenha canto, eu canto junto. Tiver que batucar, eu batuco. Ou seja, eu consegui através da academia aqui passar a viver uma coisa que eu nunca tinha vivido na minha vida. A primeira vez que eu dancei com uma mulher nos braços foi na aula aqui. Nunca me esqueço da música. (...) O grande benefício que tirei daqui foi o exercício da minha musicalidade, que eu nunca tinha feito isso na vida. Então isso pra mim foi a grande coisa que eu obtive na dança. O grande benefício da dança pra mim foi esse. O exercício da musicalidade sufocada. Sem precisar de analista. Saiu muito mais barato (risos). (Nélio, 61 anos)

Eu acho que... é uma motivação de você tocar a vida. Saber que tá viva, que você superou aquelas coisas todas, que você emagreceu, que você pode fazer um ‘zouk’, entendeu? Que é puxado? É. Todo mundo diz: “O que? Não acredito que você com essa idade você faz ‘zouk’”. (Flávia, idade ausente)

A dança propicia a autoconfiança da pessoa. Principalmente pessoas que tem mais idade, como no meu caso. Então a gente se sente mais confiante. Eu aqui sou muito paparicada. (Janete, 75 anos)

Uma das poucas palavras que é muito sério pra mim é assim... elevar a minha auto-estima. Eu acreditava que eu freqüentando aquele mundo (o da dança de salão), que eu não conhecia até um tempo atrás, eu freqüentando aquele mundo minha auto-estima elevaria, eu voltaria pra casa inteiro. No dia seguinte encontrava o desespero de novo, a preocupação, a derrota, e muitas coisas que eu vivenciei naquela ocasião, e eu ficava contando as horas pra chegar no baile para eu me restabelecer de novo, me fortalecer de novo. E o baile me fortalecia durante sete dias até o próximo baile. E estou aí até hoje. É uma maravilha, conheci muita gente interessante. (Mauro, 47 anos)

E aí realmente a minha vida reorganizou. Voltou a se organizar porque eu sou uma pessoa extrovertida, como já deu pra você sentir, e eu tava muito embutida, muito pra dentro. Então pra mim tem a ver, uma coisa que sempre gostei de fazer, que eu queria muito fazer, que era aula de dança. Eu acho que a dança significa uma série de coisas. O principal é um contato com você mesmo, né? (...) Você passa a trabalhar, você se sente mais viva, você se sente mais bonita, você respira diferente, você anda diferente. (Pilar, 52 anos)

Pra mim, no caso venho aqui para me distrair, né? Me divertir. Meu principal foco é esse, desde o início. Como se fosse um *hobby*, vir aqui, desestressar, e fazer uma coisa que dê prazer, né? Que dê alegria de estar fazendo. Basicamente é isso. (...) O meu principal é a diversão. Se não for divertida a aula, não adianta. (João, 42 anos)

Outra coisa é que o ambiente é muito alegre. Um ambiente que ninguém vai ali para se estressar, vai todo mundo pra relaxar,

ta tudo na mesma situação, aprendendo. Então você passa a ter prazer por aquele momento. (Lílian, 42 anos)

Olha, o prazer mesmo, né? A questão de técnica, de corpo. Você mesmo disse que não pareço a idade que tenho. Eu acho que isso é muito. É claro que é uma questão de cabeça, da maneira como você encara a vida, tem esse aspecto, mas até a dança ta inserido nisso. (...) Tem a parte do prazer da dança... (Virgínia, 57 anos)

Para encerrar esta parte, cabe mencionar algumas sensações e sentimentos que os informantes expressaram relacionados à prática da dança de salão, do que esta atividade significa e representa para estas pessoas.

A aula me traz alegria, a aula me traz a música, o dançar. Sempre gostei de música. Ouvir música e dançar, fazer passos, traz alegria. (Peixoto, 37 anos)

Nesse momento a dança é minha vida. É uma parte muito importante da minha vida. (Roberta, idade ausente)

A dança é vida, é alegria, é alto astral. (Luana, 45 anos)

É mais do que a dança propriamente dita, muito mais. (...) A dança pra mim é essencial. (...) Então, numa frase, é muita emoção, é cultura, é magia, encantamento. (Selma, 42 anos)

Eu acho que a dança significa uma série de coisas. (...) Eu acho que é uma possibilidade de vida mesmo. (Pilar, 52 anos)

Eu acho que (a dança de salão traz) a saúde. Mental e física. Sem dúvida. Me traz disposição pra trabalho, até em casa, fico mais paciente com a família, os filhos, mulher, mesmo quem tem namorada, noiva, fica uma pessoa mais paciente. (Sérgio, 68 anos)

É uma coisa muito gostosa, no mundo da dança. Não é aqui não, é no mundo da dança. Isso é muito bom. (Nélio, 61 anos)

Eu acho que... é uma motivação de você tocar a vida. (Flávia, idade ausente)

Nossa, eu acho que eu tirei muita coisa boa (da dança de salão). (...) Eu to feliz, me sinto bonita, posso não ser, mas eu olho no espelho e digo: “Vai garota, que hoje é teu dia”, e não to nem aí. Sou feliz. (Neide, 62 anos)

É uma atividade que não é profissional, é prazerosa. Você vai para se divertir. É isso. (...) Vou pra me divertir. Minha filosofia de vida é diversão. (Arthur, 43 anos)

Os sentimentos e sensações expressados pelos informantes apontam uma consonância com Foxall (1984), que destaca que no campo do marketing, mais especificamente do comportamento do consumidor, pesquisas mostram que o

lazer é definido pelas pessoas de modo subjetivo como as partes de suas vidas que envolvem prazer e divertimento. Assim, a dança de salão parece ser considerada pelos informantes como uma atividade de lazer, uma vez que eles mencionaram sensações como prazer, encantamento, alegria etc.

Indo além, tomando por base todos os benefícios mencionados pelos informantes, é possível insinuar ainda que a dança de salão pode ser considerada uma opção de lazer na visão de Arai e Pedlar (2003): como compartilhamento de emoções. Os autores tomam o lazer não como uma atividade comercial, não como um bem a ser consumido, mas sim como algo que todo mundo compartilha. O objetivo de lazer em si é o bem comum. Sob essa ótica, a cooperação é motivada pelo bem comum e pelos interesses compartilhados, e não pela lógica racional de cálculo da relação custo x benefício. A dança de salão parece estar alinhada com esta proposição.

4.3. Questões práticas da dança de salão

- **Os estilos de dança praticados.**

Massena (2006) destaca em seu estudo que, entre os ritmos dançados atualmente nas gafieiras e bailes de dança de salão, figuram principalmente o samba de gafieira, o bolero, o tango, a salsa, o “zouk”, o forró e o “soltinho” (também conhecido por “swing”). Ainda segundo a autora, durante as aulas básicas nas academias de dança, tanto para turmas adiantadas quanto para iniciantes, são ensinados o bolero, o samba de gafieira e o “soltinho”.

Os relatos dos informantes foram bem alinhados aos apontamentos feitos por Massena (2006). A maior parte dos informantes mencionou que o estilo de dança mais praticado é a dança de salão, ou seja, o conjunto de três danças: bolero, samba e “soltinho”. As outras danças também surgiram nos discursos dos entrevistados, porém em menor destaque.

Dança de salão: bolero, “soltinho” e samba. Fazia uma aula específica de samba, e... comecei a evolução no “zouk”, mas achei muito lento e aí parei. (Arthur, 43 anos)

Dança de salão: bolero, samba e “soltinho”. Depois andei pegando forró e peguei tango, que, aliás, ontem eu terminei,

não vou fazer mais tango... porque eu não to evoluindo, e onde que vou aplicar esse tango? (Norma, 72 anos)

Dança de salão: “soltinho”, bolero, samba, e... aquela dança do nordeste (farró). (...) O “zouk” é uma dança muito interessante, mas é pra gente jovem. Bem maleável, porque o corpo já tira de um lado e vai... Não tenho mais uma coluna dessas (risos). (Janete, 75 anos)

Só o básico que é o dança de salão. São aqueles três (“soltinho”, bolero e samba). Não faço o extra, que seria farró, “zouk”, salsa, esses negócios. (Peixoto, 37 anos)

Eu danço só, hoje em dia, esses que eles dão na aula: samba, bolero, “soltinho”... danço farró também que eles botam. Não gosto de farró não, não gosto da música, não gosto da dança. Não sei por quê. Tentei gostar, inclusive comprei muito disco de farró uma época, mas não gosto. (Nélio, 61 anos)

Comecei dança de salão mesmo: bolero, “soltinho” e samba. (...) Só esses três ritmos. Farró, que eu fiz também, mas parei. (...) A turma terminou e não encaixou mais horário. Aí eu realmente parei. (João, 42 anos)

Segundas e quartas eu faço tango, terças e quintas... segundas e quartas eu chego aqui as 6 e meia e só saio as 10. Tem dança de salão (“soltinho”, bolero e samba), eu to fazendo. (Neide, 62 anos)

Eu danço todos, menos o tango. Então é samba, bolero, “soltinho”, “zouk”, salsa, farró, e mais alguma coisa que aparecer. O samba é o meu preferido... tá no sangue do brasileiro, né? (Sérgio, 68 anos)

Já teve momentos de eu fazer dança de salão, farró, salsa, (riso)... aquele momento de euforia, de querer aprender tudo, né? Aí depois você também vai diminuindo um pouco. Aí o farró eu fiz até um determinado ponto, aí os passos começaram a ficar muito sofisticados, que você não faz naturalmente num baile porque não tem nem espaço. Adoro um farró, mas em geral são muito técnicos, né? Aí eu parei o farró, a salsa ela não me atraiu tanto...e aí acabei ficando com a dança de salão. (...) Eu consegui ir mais rápido, avançar mais rápido. Na gafieira eu tenho dificuldade. E aí eu resolvi me concentrar mais na dança de salão e avançar nisso daí. Depois eu faço as outras coisas. (Virgínia, 57 anos)

Atualmente... acabei... foi uma paixão muito grande pelo “zouk”, e pelo farró. Mas não consigo encarnar o samba de gafieira. (Flávia, idade ausente)

Um ponto evidenciado em alguns dos discursos acima foi a questão da dificuldade de aprendizagem. A não ocorrência de evolução na assimilação de um determinado tipo de dança provocou a desistência dos informantes na prática desse ritmo, sugerindo assim um grau de relevância desse fator para a continuidade da frequência nas aulas.

- **Os rituais existentes nas aulas de dança de salão.**

As observações participantes na academia de dança de salão no momento das aulas e as entrevistas em profundidade sugerem a existência de rituais no processo da aula. Segundo os informantes, dá para visualizar os processos de início, meio e fim de cada aula. Os discursos apontam que, no início, é uma fase de aquecimento, de ambientação para a aula que será dada; no meio da aula, os instrutores ensinam os novos passos e os associam aos passos já ensinados; e no final da aula, são colocadas algumas músicas para que os casais possam treinar e consolidar o aprendizado.

É um padrão. Tem uma fase de aquecimento, bota duas ou três musiquinhas no começo da aula, pra aquecer, entrar no ritmo. Esquecer os problemas da rua. Depois dá o passo, a seqüência, um passo novo, vai ensinar o passo da dança. E no final bota mais duas músicas pra dançar e acaba a aula. (Arthur, 43 anos)

Começa normalmente com aquele aquecimento, que você já viu, fica em geral um assistente na frente fazendo alguns passos básicos para aquecer, depois até formarem os pares todo eles botam música pra gente dançando, aí tem o passo que o professor vai ensinar, dança e tal... (Virgínia, 57 anos)

Antes da aula faz um aquecimento, igual o jogador vai entrar no campo ele faz um aquecimento individual. Então, antes da aula faz-se um aquecimento individual. Coloca uma música ou duas, pra poder aquecer até juntarem os pares. Quando junta os pares aí já dança... já flui mais, com mais facilidade porque já houve o aquecimento. (Sérgio, 68 anos)

Tem. Fica bem claro. Todas as aulas têm isso. (...) Sempre entra aqui na aula para se adaptar aquilo ali. Você esquecer o mundo de fora e começar naquele novo mundo. Então tem sempre uma música que dura entorno de 3 minutos, no estilo que vai ser a aula, a maioria do tempo da aula, e que você vai fazer só, sozinho, olhando pro espelho, professor na frente e imitando: “Então vamos lá, passo básico, agora faz assim, vai pro lado”, só para ir esquentando os ritmos, esquecendo o que tá do lado de fora. (...) Passou isso, a professor pára a música e vai dizer o que vai ser a aula: “Passo aqui, vamos começar com um, dois boleros, às vezes uma aula livre, boleros, samba, soltinho, ou então vamos começar com o passo, naquele passo”. Então tem bem isso. Começou assim, o durante é isso, ou uma aula mais livre, faz a dança, eu vou olhando pra ver o conjunto. (...) E o final é sempre o *up*, sempre dá uma levantada. São músicas mais enérgicas, mais alegres, mais pra cima. (Peixoto, 37 anos)

- **Os locais e situações de prática dessa atividade e encontros dos grupos.**

Segundo os entrevistados, as academias de dança de salão organizam, além das aulas, bailes festivos, sendo que estes apareceram como os preferidos pelos informantes. Essa preferência decorre da segurança fornecida por esses locais, além do grupo de pessoas que frequenta os bailes, ou seja, todo mundo se conhece, minimizando assim a percepção de insegurança dos entrevistados. Outros locais apareceram, sendo esses bailes maiores realizados em casas noturnas, clubes e restaurantes.

Mais baile da academia, quando tem algum aniversário, alguma festa assim. (Arthur, 43 anos)

Eu sempre frequento os bailes que o Jaime (Arôxa) proporciona, organiza. (...) Mas assim, sei lá, tem alguns lugares na Lapa que têm dança de salão. Na verdade, ultimamente não tenho saído muito. Mas no início, quando eu entrei, eu frequentava muito mais os bailes do Jaime. Porque aqui, a academia, tem lugar para estacionar, é no meu bairro, é o pessoal que eu conheço. Então tudo isso era um facilitador. (Luana, 45 anos)

Mas geralmente as escolas elas promovem bailes, ou os próprios alunos marcam alguns lugares, alguns pontos. (Robson, 32 anos)

Eu ia muito nesses aqui, não sei se você já ouviu falar, Churrascaria Gaúcha, Passeio Público ainda vou às segundas-feiras, tem no Sol e Mar que agora é o CIBI, no Clube Israelita. Nesse momento eu ando um pouco cansada, você encontra sempre as mesmas caras. Aí eu tenho buscado agora um pouco mais os bailes de academia mesmo, porque aí é na intenção de dançar com pessoas que dançam mesmo. Porque nesses bailes de fora é tudo misturado. Tem o que vai lá só para paquerar, tem o que dança dois pra lá, dois pra cá, dança bem, mas só o tradicional. Tem o que não dança nada de nada. Tem o que tá aprendendo dança de salão, tem o que sabe dançar... Aí é variado. E nesses bailes de academia, em geral, não. (Virgínia, 57 anos)

Domingo tem na Lapa o da Paula, que é professora, todo domingo, na Gafieira Elite. Sexta-feira tem salsa na Lapa também. (Celso, 32 anos)

Sempre que a Academia programa um baile, esses são os melhores pra mim... porque vão as pessoas conhecidas. Então é um baile que eu chego lá e conheço quase todas as pessoas, os dançarinos, as dançarinas. E também... traz facilidade, porque são pessoas que eu já conheço, pessoas que já me conhecem, tenho determinada afinidade. Então esses são os melhores. Mas, independente disso, tem muitos outros lugares bons pra se

dançar que eu frequento, igual a Estudantina, (Gafieira) Elite, Churrascaria Gaúcha. (Sérgio, 68 anos)

Tem a domingueira do Fluminense, que eu to sempre indo. Tem a Paulinha (professora de dança), que tem uma domingueira também lá na cidade. (Norma, 72 anos)

Eu vou muito ao Passeio Público, na Avenida Rio Branco... na Gaúcha, aqui em Laranjeiras, na Estudantina... que mais? Tem umas domingueiras por aí, tem uma domingueira em Copacabana que de vez em quando eu vou... o Olímpico, o FIBE, que também é em Copacabana. (Roberta, idade ausente)

Tem no Olímpico, em Copacabana, tem esse da Gaúcha, tem o Helênico, que é lá no Rio Comprido. (...) Tem na rua do Catete... Quando tem no Banco do Brasil, que é ótimo, na Lagoa, muito bom baile lá. Tem no Sírio e Libanês, que infelizmente acabou. (Neide, 62 anos)

Tem os lugares na Lapa, Sacrilégio, Rio Scenarium... já fui no Elite, que tem uma professora aqui que faz samba... Vamos na (Churrascaria) Gaúcha... Tem o Passeio Público, que as segundas-feiras têm dança de salão também. (Pilar, 52 anos)

Alguns entrevistados mencionaram que, apesar de conhecer locais em que bailes são realizados, não os frequentam, ou porque seus cônjuges não apreciam a dança de salão, ou mesmo por falta de disponibilidade ocasionada pela profissão que consome muito tempo.

Eu não frequento locais de dança, só faço aula. Geralmente no máximo um baile da própria escola. Até porque o Eduardo não dança, que é meu marido. (Lílian, 42 anos)

Eu não curso mais baile. Eu vivo, de segunda a quinta sozinho, sexta, sábado e domingo eu tenho a minha mulher. A gente se apresenta como marido e mulher. Mas só sexta, sábado e domingo. Me mudo para a casa dela na sexta-feira e a gente tem uma vida... ela gosta de dançar mas não essa dança aqui. Até a gente sai as vezes pra dançar mas... sem fazer passinhos, sem nada. E ela sabe até dançar, ela não gosta. (Nélio, 61 anos)

Eu não vou a muitos bailes. Eu sou médica. (...) Eu trabalho o dia inteiro. (...) Obvio que eu adoraria ir a bailes, mas, por exemplo, bailes durante a semana é impossível, porque tenho que acordar cedo no outro dia. Eu trabalho sábado também, então baile de sexta-feira também fica comprometido. Então bailes que sobram é no sábado. E quando vou com meu marido também... pessoal não me chama pra dançar, tenho que dançar com ele. Por uma questão de respeito... Quando eu vou a baile sem ele, eu me esbaldo, porque eu danço com todo mundo. Mas eu não vou muito a baile não, adoraria poder ir a todos, gosto tanto. (Selma, 42 anos)

Ficou evidente nas entrevistas que os informantes geralmente marcam de ir aos bailes com amigos, com destaque ao grupo feito na academia de dança. Os entrevistados mencionaram que existem grupos formados que combinam de sair para bailes. Apontaram ainda que esses encontros não ficam restritos a bailes, outras programações como comemorações de aniversário, cinema, teatro, *happy hour* etc. são realizadas com o grupo da academia. Isso reforça o papel de valor de ligação desempenhado pela atividade da dança de salão.

Na academia forma-se grupos. E combinam, “vamos dançar tal coisa assim, em tal lugar”, então... arruma-se sempre um motivo. Aniversário do fulano, da siclana, é um motivo para aquele grupo ir para determinada casa, determinado baile, churrascaria e tudo, tem muita churrascaria que tem dança de salão. Então tem esse motivo. (Sérgio, 68 anos)

Em bailes de outros lugares, às vezes a gente vai a teatro juntas, as vezes a cinema, a gente vai pra barzinho, entende? A gente se encontra. Eu caminho com uma amiga da dança. (...) Fiz muitas amizades. Você tá vendo isso aqui? Isso aqui não fica só aqui. Essa turminha, quando junta, bate papo, daqui a pouco a gente tá em outro lugar. (...) Não é só na academia que fica a amizade. A gente faz uma continuidade dessa amizade, e é muito bom. (Neide, 62 anos)

Aí... formamos um grupo, saíamos também muito pra dançar, e aí essas coisas vão acontecendo. (Luana, 45 anos)

Depois da dança, aqui tem esse bar, que a gente chama de terapia em grupo, a gente faz terapia corporal na aula, e vem com os amigos tomar uma água, conversar. Aí, sai pra comer pizza ali, ou tomar um choppinho. Sabe, é muito mais... a dança envolve muito mais coisas. (Selma, 42 anos)

Encontramos. Nós vamos a cinema, nós vamos a baile, vamos caminhar na praia. Então... É uma amizade mesmo interessante, sabe? (...) Fomos conhecendo mais pessoas, formando grupos, então a gente tá em todas. (Janete, 75 anos)

Encontro com a turma que fiz há dois ou três anos atrás... por exemplo, aniversários. A gente acaba se encontrando, mandam e-mail, tem aniversário, a gente acaba se encontrando lá. Então de alguma forma você fez aí uma amizade daquele determinado grupo, daquela turma. (João, 42 anos)

A gente procura organizar algumas saídas juntas. Até sou eu que mando pra todo mundo as festas da semana, a gente andou pegando e-mail de grupo e tal. A gente tenta organizar isso. Mas é difícil, em geral vai um grupo pequeno. Agora, as vezes encontro... porque as pessoas foram, não só pela organização aqui. (Virgínia, 57 anos)

Então a gente sai praticamente, pelo menos uma vez por mês... Às vezes a gente já marcou, já fomos ao teatro. Quer dizer, aí depende do interesse de cada um. Desde ir tomar um café, até

ir a um cinema... Isso já fiz com as pessoas daqui. Não todas. Não o grupo todo. (Pilar, 52 anos)

- **A existência de eventuais barreiras e dificuldades à prática da dança de salão.**

O discurso dos informantes aponta uma certa dificuldade inicial para o aprendizado da dança de salão durante as aulas. Segundo relatos, as dificuldades estão associadas à timidez em relação ao grupo, ao aprendizado da própria dança e ao parceiro de dança.

Não, barreira não. Dançar não é fácil também. Dançar realmente é difícil, ainda mais dançar bem. É mais difícil ainda. Mas as dificuldades que o aprendiz pode ter, ele supera logo com a prática. Insistindo, insistindo ele passa a aprender. (Sérgio, 68 anos)

A barreira foi meu marido. Na verdade... Eu evolui muito mais rápido do que ele, e não tive maturidade para entender da dificuldade dele. Hoje eu entendo que eu danço com pessoas que sabem dançar muito, assim como pessoas que não sabem dançar muito. Então... eu danço muito com quem me conduz muito, e danço pouco com quem me conduz pouco. (Selma, 42 anos)

No início é muita dificuldade mesmo, pra começar... De não acertar o passo. Talvez até minha dificuldade tenha sido maior exatamente por essas questões de faltar, né? Não vim seguido as aulas. Você vem numa aula, falta outra, quando você vem na seguinte. (...) Esse tipo de dificuldades que eu tinha. E os outros fazendo mais fácil coisas que não conseguia fazer. Quando entrei já entrei também numa turma que já tinha começado há um mês, né? Para quem não sabe nada, um mês faz diferença danada. (...) Mas no início sentia muita dificuldade por durante um tempinho. (João, 42 anos)

Na aula sim, porque eu quando entrei para academia, eu entrei pra dança de salão e fiz uma aula de samba de gafeira, só. E me disseram que era a mais difícil. E uma turma que não era começada, já tinha um tempo. Aí eu fiquei completamente perdida e criei inclusive um trauma. Até quebrar esse trauma, conseguir me soltar um pouco mais no samba, não ficar tão presa, tão amarrada, porque aí também tem essas características pessoais. Você não gostar de errar, eu pareço muito extrovertida, mas no fundo não sou. A timidez, ir lá pro centro da roda, não é bom, não é agradável... Enfim. (Virgínia, 57 anos)

Em caráter de esclarecimento, foi percebido nas observações participantes realizadas na academia de dança de salão em que foram feitas as entrevistas com os informantes que existe a figura dos bolsistas, ou seja, pessoas que já possuem

habilidades avançadas na prática da dança e que ficam à disposição dos alunos para a realização das aulas. Esses bolsistas não pagam para participarem das aulas, e possuem a oportunidade de aprimorar suas habilidades na dança de salão. O papel desses bolsistas é fundamental, pois muitos alunos começam a fazer aulas de dança sem necessariamente ter pares formados, facilitando assim o processo da aula, de atração de novos alunos e de aprendizagem. Em outras palavras, a figura do bolsista ajuda a minimizar barreiras e dificuldades iniciais.

Eu comecei em 95. Naquela época não existia esse processo de bolsistas que tem hoje... que complementava a aula de homens e mulheres, o que estivesse faltando. (Peixoto, 37 anos)

E aí, aqui tem os bolsistas, né? E aí essa minha amiga tinha um bolsista, que é até o Ricardo que hoje é assistente aí, que já fazia aula constante com ela. Toda aula fazia com ele. Então a gente evoluiu mais você tendo um bolsista. (...) E ele também te ensina mais, né? O professor dando as instruções e a gente tentando executar. Então com o bolsista que já sabia ficou mais fácil. Então peguei um que foi ótimo pra mim também. (Norma, 72 anos)

Eu acho que essa academia, por conversar com algumas pessoas, essa academia é uma das melhores. Como eu já tentei perto de casa e não surtiu tanto efeito, porque essa aqui é boa porque tem muitos bolsistas, ninguém fica sem dançar, e perto da minha casa já não acontece isso. É o professor dançando com 10 moças. Então você fica muito parado esperando. E aqui não, o sistema é outro. Todo mundo dança o tempo todo. (Roberta, idade ausente)

E ali eu aprendi muito com todos os bolsistas, com os professores, com todo mundo ali. Aquilo ali foi um incentivo. (Flávia, idade ausente)

Mas rolou tanta briga que ele virou pra mim e falou assim: “Não danço mais, vou sair da dança porque não quero mais dançar com você”. A professora olhou, e disse: “Não, não tem importância, tem muitos casais que não dançam juntos. Aí, ele dança com uma bolsista e ela dança com um bolsista”. Aí ficou bom pra ele e ficou bom pra mim. (Paula, 62 anos)

Quando eu comecei realmente, da minha primeira vez, o que acontecia: eu começava a dançar e sempre ia dançar com uma bolsista. E aí quando ia dançar com a bolsista ela... exatamente vinha, tinha que toda hora tá corrigindo. Postura, tá corrigindo é... passos. De certa forma, corrigindo também a condução. (João, 42 anos)

Entretanto, como os gostos pessoais são os mais diversos, ficou evidente no relato de uma informante que a atuação dos bolsistas pode, em alguns casos

específicos, atrapalhar o processo de aprendizagem, uma vez que pode deixar os iniciantes pouco à vontade para errar.

Olha, barreira não, mas... o Jaime (Arôxa) aqui faz um lance muito legal que ele tem uns bolsistas, então você sempre dança com alguém que já sabe. Mas existem alguns bolsistas que não sabem te corrigir corretamente. Então tinha um menino que foi logo no começo, que eu pegava pra dançar, e que ele não conseguia me corrigir... Não é que ele fosse grosseiro, nem agressivo não, mas a maneira como ele me corrigia me irritava. E eu não conseguia, já sentia que eu não ia fluir, porque mais tímida eu travava. Então o que eu fiz? Mudei de bolsista (risos). E até comecei a dançar com o outro menino que tava começando também, e já não ficava mais sem graça. Se eu errava, se ele errasse, era todo um aprendizado, entendeu? E hoje eu vejo o meu progresso, como eu melhorei. (Ludi, 33 anos)

Alguns depoimentos sugerem a existência de pessoas que não possuem dificuldades na prática da dança de salão, por possuírem alguma habilidade inata ou algum tipo de afinidade e facilidade. Os entrevistados apontaram que, por possuírem ritmo e ouvirem música com frequência, isso os ajudou na evolução do aprendizado. Uma informante chegou a mencionar que o método de ensino específico da academia frequentada por ela ajudou-a no processo de aprendizado.

Não, não teve porque a gente já molda a mentalidade, já vai moldando. Se você chegar e olhar uma pessoa dançando, instintivamente você segue no ritmo, entende? Então não houve dificuldade. E mesmo porque as aulas começaram com atividades bem simples, não é? Pra pessoa ir começando a conhecer os passos. (Janete, 75 anos)

Se eu disser para você que eu senti dificuldade, estaria mentindo. É uma coisa que eu tenho muito é ritmo. E eu ouço muito música. Eu sempre ouvi muito, eu durmo com o radinho de baixo do travesseiro, ouvindo música. Então a musicalidade já tá na pessoa. E com isso... Ajuda muito, você põe ritmo, você vê a batida... (Neide, 62 anos)

Eu não danço bem, mas eu tenho facilidade de aprender a dança. Então isso é uma coisa que não me... não tive esse problema. (Peixoto, 37 anos)

Nenhuma. O método, eu não sei como funcionava em todas as escolas, mas o método daqui é um método que não tem quem não aprenda. É muito fácil. Então todo mundo aprende. Quando você percebe que você já aprendeu, você quer mais e mais, e isso não tem fim. Porque quanto mais você aprende você vê que menos você sabe. E aí depois que você acha que aprendeu tudo você vê que tá muito ruim, então isso não tem fim, é uma busca... sem fim. (Lílian, 42 anos)

Uma dificuldade que surgiu nos discursos dos informantes foi a questão da condução. Segundo Massena (2006), pode-se considerar o universo da dança de salão um ambiente regido pela lógica de dominação masculina. O homem decide e realiza as ações, ou seja, é o homem quem conduz na dança, enquanto à mulher cabe interpretar seus comandos e cumprir suas decisões, em outras palavras, durante a dança a mulher deve ser conduzida, deve “ser submissa ao seu cavalheiro” (Massena, 2006, p. 42).

No caso dos informantes do sexo masculino, a dificuldade apontada por eles é que a responsabilidade é muito grande em cima deles. Conforme relatos, na ocorrência de um erro, a responsabilidade é do cavalheiro que não soube conduzir a dama. Além dessa questão da condução, o homem tem que se preocupar ainda com outros fatores práticos, tais como o espaço no salão de dança, o próximo passo a ser dado etc.

Para o homem é difícil conduzir uma dama. Mas para a dama também é difícil deixar ser conduzida. Não é fácil deixar ser conduzida. Ela não pode fazer um passo, ir na frente, ela não pode pensar que eu ia fazer aquele passo. Quando ela pensa que eu vou fazer um passo, e eu quero fazer outro. Se ela pensa que é aquele, vai dar errado. Então, resumindo, a dama não pode pensar. E nem querer... (risos) (Sérgio, 68 anos)

É difícil. É difícil. Porque você tem que conduzir, tem que pensar no passo que tá fazendo, no passo que vai fazer para emendar o que você tá fazendo. Tem que olhar no salão se tem espaço pra fazer o passo. Tem que ver se o passo tá no pé certo, a dama pra encaixar. É complicado. Pra dama é mais fácil, ela é conduzida. É bem mais complicado. (Arthur, 43 anos)

Não, sofrer não sofri não, a condução é mais difícil de aprender. É porque é o homem que conduz e o erro é sempre do homem. Sem dúvida é o mais difícil, vai pegar isso mais na frente. (Celso, 32 anos)

Cobrando mais a condução do que propriamente fosse uma aluna. Então teve essa questão... Isso até hoje é uma certa dificuldade de determinados momentos você acabar não conduzindo. Quando o passo tá combinado a gente faz quase perfeito. Quando você vai pra dança, que você não tem aquele momento certo de fazer o passo, você acaba perdendo um pouco daquela beleza, que é a condução exatamente que tá faltando. Mas acredito que isso tudo é na prática, do mesmo jeito que um passo básico é prática, é como se fosse também prática, um treino. (João, 42 anos)

Embora é o homem que conduz, é o homem que leva, é o homem que faz e que acontece, mas se não fosse as mulheres não teria razão dos homens procurar a aprender. Há uma grande preocupação, acho que uma massa de preocupação masculina porque ele tem que aprender a desenvolver a dança

pra ele, e um outro lado que é conduzir o que ele quer que ela faça. Então para o homem é muito mais trabalho. (Mauro, 47 anos)

Embora essa dificuldade de condução mencionada pelos entrevistados do sexo masculino, um informante específico apontou que não possui essa dificuldade, sugerindo que isso ocorre devido a um traço característico de personalidade. Segundo ele, por ter um perfil de liderança, isso o ajudou nessa questão.

Não, não... Eu tenho característica de personalidade, tanto pessoal quanto profissional, de liderança. Então é uma coisa normal pra mim. Não foi uma passagem ruim. Tanto que uma das coisas que eu tenho aqui, pessoal fala muito, é a minha condução, minha condução é boa. Posso não dançar bem. (...) Por causa dessa questão de característica de liderança. Que tem essa diferença fundamental aqui dentro. Eu vejo homens que são mais encolhidos, na dança são encolhidos. Que falam pouco, na dança transmitem corporalmente pouco. É bem por aí. (Peixoto, 37 anos)

As informantes do sexo feminino reconheceram que esse fator da condução torna a vida dos homens mais difícil no aprendizado da dança de salão, e sugeriram que a evolução do aprendizado da dama é mais rápido. Além disso, algumas citaram que o fato de dançarem com cavalheiros com menos prática na dança de salão atrapalham-nas na evolução do aprendizado e estimulam-nas a conduzir, a dar passos mais adiantados que os cavalheiros ainda não dominam.

Porque o homem é muito mais difícil pra ele, ele tem que conduzir, ele tem que aprender o passo, ele tem que ouvir a música, encaixar o passo que ele aprendeu, vários passos de acordo com a música, e ainda conduzir a dama. Ver o salão que tá cheio, ver onde tem espaço. Então a dama evolui muito mais rápido, e eu evolui mais rápido do que ele (o marido). Aí... ele meio que empacava, e eu querendo aprender mais passos, mais passos, a gente brigava muito. E ele não acertava. (Selma, 42 anos)

A responsabilidade é muito grande (do homem). Se o homem pisar no teu pé, a culpa é dele, não nossa. Sempre tem isso. Tudo que erra a culpa é do cavalheiro. Mas a dama tem que saber ser conduzida. (...) Talvez quando você vai ficando um pouco mais adiantada, que é um absurdo, mas é o que acontece, aí você começa a dançar com uma pessoa que não é tão adiantada... Então, você fica esperando passos mais adiantados e não vem. Isso dá uma certa irritação... (Lílian, 42 anos)

Às vezes eu acabo levando, acabo conduzindo. Hoje em dia nem tanto, mas no início a gente acabava até rindo... O cavalheiro dizia: "Quem tem que conduzir sou eu". (risos) Mas

sempre tem essa questão. E às vezes assim, quando acontece de você pegar o cavalheiro em que está um pouco atrás de você, aí você sem querer você vai querendo mostrar, mas através da condução. (Luana, 45 anos)

Tenho até hoje (riso). Todos os meus parceiros reclamam que eu saio na frente, que eu não espero a condução deles, que eu sou uma dama rebelde... Eu não percebo quando isso acontece, talvez seja... Quer dizer, junta aí duas coisas, um pouco da ansiedade de querer fazer o passo, né? E talvez inconscientemente uma reação a tanto machismo, mas aí é um processo inconsciente. Eu acho que fosse concretamente seria mais assim, é... ansiedade de fazer o passo rápido para dar conta, dei conta do passo. (Virgínia, 57 anos)

É uma dificuldade, você fica querendo... como é ele que conduz você fica meio que parada, mas que dá vontade de conduzir, dá. (Neide, 62 anos)

Massena (2006, p. 42) destaca em seu estudo que “a mulher atual, por ser mais independente, tem dificuldades em aceitar ser guiada, ser passiva, mas para dançar bem deve se deixar dominar, se submeter à condução do cavalheiro”. O discurso das entrevistadas apresentaram alinhamento com esta colocação. As informantes sugeriram que questões como divórcio, viuvez e trabalho estimularam-nas a ter que tomar mais decisões em suas vidas e ter uma postura mais independente, e isso reflete na dança de salão, na dificuldade de deixar ser conduzida pelo cavalheiro.

O que teve dificuldade... conduzir... de deixar levar. (...) Por eu ter filhos homens, e por eu ser o chefe da casa, eu tinha que... ser firme com meus filhos. (...) Eu tive que me tornar muito mandona ali. Quando você entra numa dança você já vem com aquela bagagem, o cara queria te conduzir, dizia “Você não está se deixando conduzir”, pô, como é isso? Aí você começa a ouvir aquilo ali, mas o que é deixar se conduzir? (Flávia, idade ausente)

No início tinha realmente. Isso é uma coisa... muito importante você falar isso. Porque a dança também ajuda você a... a mulher divorciada, às vezes, ela tem o comando da sua própria vida. Então você, às vezes... tem que tomar decisões. Você pode até consultar alguém, um parente e tal, mas na verdade as decisões são minhas. O que quero fazer, aonde eu vou, as minhas contas, sou eu que resolvo, sabe? Então eu tenho uma dificuldade sim, agora menos... (Roberta, idade ausente)

Ah, às vezes eu recebia várias broncas, do tipo: “Quem conduz sou eu” (risos). Porque às vezes eu queria conduzir, eu queria levar, queria tomar a iniciativa. (...) Então isso reflete talvez a dificuldade de deixar o outro conduzir. Acho que hoje na vida a gente toma tanta atitude... então você quer fazer sempre, você quer conduzir a sua vida... e acaba não deixando alguém tomar atitude por... digamos assim, te levar, te conduzir. Agora eu

aprendi a ser conduzida (risos). (...) Não é fácil. Você tem que também acreditar na pessoa que está te conduzindo. Se você não sentir firmeza na pessoa que está te conduzindo, falo assim, se o cara não tiver a pegada, você não acredita, se você não acreditar nele você não vai se deixar conduzir. Você fica insegura. (Ludi, 33 anos)

Ser conduzida é tão difícil quanto conduzir. Porque às vezes você acha que está sendo conduzida, mas não está. O homem acha que tá conduzindo, mas não tá. Ela tá indo sozinha e tá indo mesmo. Parece que tá bonito, mas não tá. E teve uma ocasião que eu tinha um parceiro que dançava muito comigo, e ele fez uma colocação muito grande. Ele falou assim: “Engraçado, você sai de férias você é muito mais fácil de ser conduzida”. Ele não sabia que eu tava de férias. Mas é como se você largasse a independência do trabalho, as decisões que você tem que tomar no dia a dia, isso acaba levando de querer tomar decisão, de querer fazer a sua cabeça. Na dança, você tem que fechar o olho e incorporar que você está sendo conduzida mesmo e deixar que vá. Se não, não dá certo. Mas é uma dificuldade que eu tenho até hoje. Eu e acho que todo mundo. (Lílian, 42 anos)

É difícil, até porque, às vezes... É difícil na vida como um todo se deixar levar. Quando você chega inclusive no certo estágio de vida. Mas, assim, é... Foi meio difícil porque, às vezes, você sabe a condução como deve ser feita, e quando você vê, em muitas vezes você já está fazendo o passo que o seu condutor não pediu. Então... Aí eu me retraía. Quando eu via, às vezes, eu estava atropelando, querendo fazer o que ele ainda não tinha pedido. Então pra mim o início foi muito difícil. (...) É difícil da gente se entregar, porque é uma entrega. E assim... Até pela guerra dos sexos aí que existe, pela educação que a gente tem, pelo mundo que a gente está vivendo, é muito difícil a gente separar... Quando a gente vê o nosso inconsciente já tá falando, e a postura da gente acaba transpondo aquilo para o corpo, pra parte presente. Acaba transparecendo pro social aquilo que tá internamente carregado dentro de você. Então foi difícil. (Pilar, 52 anos)

4.4.

Bens, serviços e respectivos locais de compra associados à prática da dança de salão

O relato dos informantes sugere que são poucos os produtos reconhecidos por eles como associados à atividade da dança de salão. Não existiu um consenso, os relatos foram diversos e difusos. Houve alguma citação sobre roupas e acessórios, mas o produto que se destacou foi o calçado específico para a dança de salão. Segundo os entrevistados, esse item é importante, pois influencia diretamente na performance, facilitando os movimentos, dando conforto e firmeza para dançar. Na parte de serviços, não houve menção.

No que tange a locais de compra desses produtos, as entrevistas sugerem que não existe pleno reconhecimento por parte dos informantes de locais específicos para compra de produtos destinados à prática da dança de salão. Uns não identificaram nenhum local, outros mencionaram pequenas lojas, não se trata de um conhecimento amplo, difundido e consolidado sobre o assunto. Entretanto, uma opção que foi mencionada com algum destaque pelos entrevistados foi as lojas de produtos existentes dentro das próprias academias de dança de salão.

Sapato acabei comprando, foi de tanto... da professora falar. Quando comecei a fazer mais horas de aula achei que realmente valia a pena tá comprando um sapato específico pra dança... É bom. Melhora, não sinto dor, não sinto dificuldade. Facilita na hora do aprendizado. (...) Eu comprei na academia, não aqui. Numa outra, numa academia da Barra. (João, 42 anos)

Sapato, né? (...) Por exemplo, tem uma lojinha aqui onde era a antiga academia, aqui nessa rua, tem uma lojinha lá que vende sapato. A moça até andava vendendo aqui, não sei se ainda está. Fora isso, você pega esses jornaizinhos de dança você vê propaganda de lugares que vende sapato específico... Nesse lugar que tem os sapatos tem algumas roupas. Mas as roupas não são tão... o sapato que é muito complicado, porque não pode soltar do pé, tem que ser um sapato confortável. (Virgínia, 57 anos)

Não sei. A única loja que eu conheço é a da que eu conhecia lá na outra academia, que é onde eu comprei a minha sandália de dança. Agora, fora isso não tenho mais nada específico pra dança. (...) Eu acho que não tem nada específico. Acho que o único... só a questão da sandália. A sandália é um dado importante, tem que ser uma sandália confortável. Porque você fica horas dançando, tem que ter um conforto. (Luana, 45 anos)

Na academia tem, sapatos... Não vende nas lojas de sapato. São sapatos pra dança. Então a gente treina com sapatinhos assim, eles tem um reforço aqui, para proteger o calcanhar, seu pé. (...) Pra baile eu vou nessa menina que desenha. Ela desenha as roupas do tango, ela tem... tanto é que ela tem uma boutique dentro da academia. As roupas voltadas pra dança. (Selma, 42 anos)

Eu gosto muito é de sapato. Eu admiro o sapato das damas. Então fico sempre... sempre pensando em encontrar um que seja confortável e que seja bonito também. (...) Tem na Tijuca, eu recebi o folder aí mostrando... Nunca fui. Eu compro mesmo nos magazines por aí. O sapato eu gosto de comprar confortável, geralmente eu compro do Pele Rara... Tem fábrica de sapato e é um sapato muito bom, muito confortável. (Norma, 72 anos)

Ah, tem muitos produtos específicos. (...) Agora tem tênis de dança... uma coisa muito confortável. Eu to pra comprar, só não tem o meu número ainda. Meu número é 44, não acho. Eles não fabricam. Só minha mulher que conseguiu comprar.

Então tem sapato, a saia de dança que também é muito legal. (...) Mas parece que o negócio tá um pouco fraco e pouco difundido, pelo menos o que a gente viu no Rio de Janeiro. Então é mais dentro de academias mesmo que você tem o contato e os materiais pra poder comprar. (Peixoto, 37 anos)

Existe, mas eu... não procuro isso não. Eu não procuro. Roupa eu prefiro normal, sapato tem aquele que eu acho bonito e que é bom pra dançar... Até tenho um tênis específico de dança, foi até presente da mina esposa, ela me deu de presente. Ela comprou na academia, na lojinha da academia. (Arthur, 43 anos)

É pobre o mercado. A maior parte... Se você quiser coisas de boa qualidade você tem que comprar fora. Eu compro sempre viajando. Sapato... (Celso, 32 anos)

Acho que roupa sim, acho que roupa específicas pra dança, como sapatos, vestidos, que sejam bonitos e confortáveis, sim. Prendedores de cabelo, talvez. Acho que sim. Mas não identifico locais específicos para a compra desses produtos. (...) Eu acho que é um mercado que tá carente. (Lílian, 42 anos)

Ah sim, DVDs, CDs, sapatos, roupas... Tem, tem alguns lugares para comprar essas coisas... Existem os jornaizinhos, Jornal da Dança que aí tem uns anúncios. Mas aí é mais assim, por exemplo, a lojinha dessa academia, não anuncia os seus produtos nesses jornais. Então quem faz academia é que sabe que ali vai encontrar sapato, camiseta, calça, saia, N coisas. (Pilar, 52 anos)

Tem poucas (lojas). Existem empresas que investem na... talvez na dança em geral. Mas não existe nada focado ainda pra dança de salão. (...) Mas existem acessórios, sei lá, sapatos, calças, cintos, roupas, realmente voltados para a dança de salão. (...) Deveria existir lojas especializadas apenas nisso aí, mas hoje em dia os produtos de dança de salão vivem a mercê de empresas que vendem material de dança em geral, até artigos esportivos. Lojas de artigos esportivos acabam vendendo também esse material de dança. (Robson, 32 anos)

Não tem. Não vi. Se existe alguma, eu desconheço. É o livre arbítrio pra cada um, compra um tecido, faz uma roupa assim ou assado... (Mauro, 47 anos)

Não, não. Cada uma compra onde quer. (Janete, 75 anos)